



PEDRO D'ANUNCIÇÃO

VÍCIOS PRIVADOS

Mondovino: um mundo de prazer

"Fazemos vinhos iguais a nós", diz Alix de Montille, enóloga, filha de um aristocrata francês, pequeno produtor de vinho na sua Borgonha natal. E di-lo num filme magnífico, em forma de documentário, o Mondovino, de Jonathan Nossiter - que se vê com o mesmo prazer com que se vai bebendo, lentamente, um bom vinho.

Nossiter, ele próprio um especialista em vinhos, além de cineasta, corroborou assim as palavras da enóloga francesa: "Até posso dizer que o que cada espectador pensar de cada personagem é o que pensará do seu vinho".

E Alix falou também dos "vinhos putas": aqueles que parecem muito bons, chegam a dar-nos algum prazer, mas de repente vão-se embora, desaparecem-nos rapidamente da boca.

Um apreciador de vinhos sorverá a película com um gosto especial, numa ânsia para provar todos os que ali se mostram, de preferência lá, onde estão a ser produzidos. Sobre tudo esses, dos produtores mais pequenos, que insistam em explorar os terroirs, e que são avessos aos sistemas laboratoriais das grandes marcas da globalização.

Porque a globalização também é um tema central do filme. Vi alguns críticos, de vinhos e de cinema, apontar isso como um defeito: o tique ideológico, o preconceito político, a chinela dos movimentos alternativos - em suma, o panfleto antiglobalização. E conclui que o tique, o preconceito, a chinela, enfim, o panfleto - está antes nessa reticência.

"Tentei fazer um filme que desse uma visão comprometida, mas tolerante", esclareceu o realizador, na entrevista já citada. De resto, em relação aos vinhos globalizados e enraizados, as posições a favor e contra de uns e outros vêm baralhadamente de conservadores e progressistas, aristocratas e novos-ricos. E, ironia das ironias, os grandes representantes da produção globalizada, a família californiana Mondavi, acabou por perder o controlo da sua própria companhia - que lhe escapou na Bolsa, depois de um crescimento desmedido.

Os globalizadores do vinho - da produção e do gosto - parecem-nos ali, de facto, uma excrescência desagradável. Talvez Nossiter lhes acentue uns timbres que os tornam patéticos: um dos Mondavi a dizer que gostava de ir fazer vinho em Marte; ou o mais internacionalizado e globalizado dos enólogos, Michel Rolland, sempre a atender chamadas de todo o mundo, com as gargalhadas a soltarem-se-lhe convulsivamente, a despropósito, e a recomendar sempre, em todos os telefonemas, a todos os clientes, para todo o mundo: "Faça mais uma micro-oxigenação". E nós, amantes de vinho, claro, aterrados com estas ameaças, já com saudades do terroir, que parece estar a ficar fora do tempo.

Caiu-me um mito, com este filme: o mais influente e global dos críticos, Robert Parker. Aquela arrogância com que ele ali se vangloria de ter "democratizado" o gosto pelo vinho, e de ter abanado "o elitismo reaccionário" do meio! E depois a intimidade dele com Rolland, tão alardeada - com a verificação de que grandes produtores contratam o grande enólogo, para conseguirem as boas graças do grande crítico.

Portugal não é focado no filme. De nós - vejo agora que felizmente -, Parker conhece apenas os vinhos do Porto. Mas lembrei-me de uma conversa, há uns tempos, em que produtores como Dick Nieport e Víto de Olazábel se queixavam da má influência que os críticos estavam a ter no gosto pelos vinhos em Portugal: achavam-nos - vejo agora - uns parkerzinhos, a "democratizarem" o gosto, a abalarem "o elitismo reaccionário" do meio, e a promoverem aqueles produtos muito consensuais - sem defeitos nem alma. ■



Vale a pena ir ao King (a única sala em que está o Mondovino), mesmo para os menos cinéfilos, que não estão habituados a estas salas escondidas